

A cabeça bem-feita

repensar a reforma, reformar o pensamento¹

Caroline Bertani da Silva²

[...] a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.

Edgar Morin

Edgar Morin é um pensador francês que nasceu em Paris, no ano de 1921. Ainda na adolescência, passou a estudar Karl Marx, inspirando-se nos aspectos humanistas dessa filosofia, cujo ideal se baseava no resgate do homem frente a ele mesmo. Terminou seus estudos em 1942 na Universidade de Sorbone, juntando-se, então, à Resistência Francesa e escrevendo seu primeiro livro *L'an zéro de l'Allemagne*, no qual analisa, sob vários aspectos, uma nação arrasada pela guerra. Em 1951, publicou *L'homme et la mort*; em 1977, *Le*

méthode, no qual esclarece relações de ordem-desordem-organização nos processos naturais; em 1980, *Le méthode 2*, abordando a ecologia, a auto-organização e a solidariedade. Em 1986, com a publicação de *Le méthode 3*, Morin começa a mostrar a necessidade de aproximação entre as diversas ciências; já em *Le méthode 4*, baseia-se nos conceitos de ecologia das idéias e noosfera e, atendendo a um convite do presidente da Unesco, em 1999, publica *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, sistematizando um conjun-

¹ Resenha baseada na obra de MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 128 p.

² Aluna do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo.

to de reflexões que serviram como ponto de partida para repensar a educação deste novo milênio.

Em 2000, Morin lançou *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, relatório de um estudo feito para o Ministério da Educação da França. Segundo o próprio autor, em entrevista concedida ao programa *Roda Viva* da TVE em 2000, tal estudo não surtiu nenhum resultado concreto, porém foi um trabalho que cumpriu importante papel em sua realização pessoal, considerando a repercussão da obra. Neste livro, Morin busca aprofundar a questão da fragmentação das ciências causada pela hiperespecialização disciplinar, mostrando, frente às suas preocupações com os rumos da educação, que, para haver uma reforma no ensino, é imprescindível que haja uma reforma no pensamento, e vive-versa. Em todo o livro, Morin centra-se em duas idéias básicas de Pascal: “[...] considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes [...]” (apud Morin, 2000, p. 25)

O autor sustenta-se também no pensamento de Montaigne de que “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia” (Morin, 2000:21) e, para tanto, é necessária a superação de certos obstáculos, pois o desafio dos saberes fragmentados, a hiperespecialização e a expansão descontrolada do saber impossibilitam a percepção do complexo e a visão do todo, do global, impedindo a organização e contextualização do mesmo. Também a separação entre a cultura científica e a cultura das humanidades, o conhecimento da informação desconectado do pensamento e o acesso limitado do cidadão ao saber levam a reforçar uma necessidade de refor-

mar o pensamento, dando-se preferência ao desenvolvimento de uma inteligência geral, impulsionado pela dúvida e reflexão da condição humana; amplia-se, assim, a visão do complexo através das novas ciências: a cosmologia, as ciências da terra e a ecologia, que permitem a inserção dessa condição em um contexto planetário.

Morin, ainda nesse aspecto, argumenta que, para um profundo conhecimento da condição humana, é necessário o estudo referente à contribuição dessas ciências naturais, bem como das ciências humanas, da cultura das humanidades (que se manifesta através das artes plásticas, cênicas, música e literatura) e da filosofia. O autor defende que o ser humano não é um fragmento, mas é um complexo que reúne, ao mesmo tempo, aspectos físicos, sociais, espirituais, culturais, emocionais, biológicos, cósmicos, etc., e o ensino pode ser o meio mais eficaz de fazer a integração de todos esses aspectos, pois só a partir do entendimento deste “complexo humano” é que se aprende a viver.

Chegar a essa integração exige uma reforma do pensamento que só ocorreria com a contribuição de diferentes áreas, entre as quais a cultura das humanidades e a filosofia deverão preparar para a vida através do ensino de uma auto-observação, da crítica e da autocrítica, dando lucidez para enfrentar as incertezas e o inesperado. O autor afirma isso levando em conta que o caos e a desordem sempre estiveram presentes no processo histórico, inclusive o de hominização.

Morin explica que, para ensinar a viver, é indispensável que se ensine o sujeito a se tornar cidadão e, para isso, propõe uma reforma no sistema educacional: no ensino fundamental, sugere que a educação

parta da interrogação sobre o ser humano e o que é concernente a ele, desde o seu surgimento na Terra, através das disciplinas, cabendo ao professor fazer a intermediação de diferentes aspectos presentes na vida humana para que exista a aprendizagem da vida; no ensino secundário, Morin salienta que o professor deve contextualizar as disciplinas e promover o diálogo entre a cultura científica, a cultura das humanidades, o conhecimento e a cultura da mídia, ao invés de ignorar esses fatores que estão presentes no cotidiano; já, na universidade, sugere que o ensino não se limite à mera aquisição de conhecimentos que fazem parte da cultura científica e das humanidades, mas seja um ensino que favoreça e promova o enriquecimento e ampliação dessas culturas.

Para recuperar o homem completo, não compartimentado, é preciso criar uma universidade dedicada ao Cosmos; outra, à Terra e uma faculdade da vida, preocupada com o conjunto dos problemas humanos, e incorporar, em todos os cursos, dez por cento de ensino comum, que promova a comunicação entre as diferentes ciências. Mas como a reforma da universidade e da instituição depende da reforma do pensamento, e vice-versa, para que haja essa reforma do pensamento, é necessário o conhecimento do todo e das partes, promovendo o pensamento do contexto e do complexo para a compreensão humana, pois só um pensamento que une é capaz de privilegiar o todo e as partes, de preparar-se para o inesperado, de interligar causa e efeito, de auto-organizar-se, de criar o diálogo entre ordem/desordem/organização e entre espécie e sociedade, e é capaz, também, de integrar as duas culturas criando uma comunicação entre ambas.

O contato com tais idéias de Morin torna possível estabelecer uma associação com os resultados já obtidos de uma educação completa. Basta verificar a existência de nomes que, se não revolucionaram o conhecimento humano, trouxeram, através de seu trabalho, relevantes contribuições para a humanidade, como Francis Bacon, Charles Darwin, Leonardo Da Vinci, que foram homens em cuja educação foi privilegiada tanto a cultura das humanidades quanto a cultura científica. A filosofia, a biologia, a matemática, a física, a astronomia e a arte andaram lado a lado na vida desses homens, e todo o conhecimento adquirido através das várias áreas convergiu para uma sabedoria única, que pode ser notada na sua obra.

Hoje, ainda que os recursos existentes para o desenvolvimento do conhecimento sejam maiores quantitativamente, o que pode ser verificado é que, mesmo os cidadãos que se hiperespecializam, sequer conseguem ter domínio sobre a sua área de atuação. O cinema, o rádio, a televisão, a internet, além de outras importantes criações de nossa época, trouxeram ao homem um bombardeio de informações num grau que exige um conhecimento que propicie o uso e a organização dessa cultura disponível e que saiba contextualizar as informações disponíveis. Mas o ensino formal contemporâneo não tem acompanhado o ritmo dessas evoluções.

A sabedoria universal defendida por Morin pode ser verificada como uma busca constante também na vida do autor, que é sociólogo, filósofo e antropólogo, concentrando também seu interesse nos campos do cinema, da televisão e da literatura. Para escrever *O homem e a morte*, por

exemplo, ele apelou para o conhecimento existente na biologia e sua obra hoje é considerada uma referência, mesmo tendo sido escrita anteriormente à revolução biológica ocorrida nas décadas de 50 e 60. Na mesma entrevista concedida à TVE, o sociólogo utiliza-se de uma expressão de Marx ao questionar: “E quem educará os educadores?” O próprio Morin responde: “Eles mesmos terão que se reeducar!” A reforma proposta pelo autor deve atingir todos os níveis de ensino, mas partindo de uma reformação do professor, aquele que é responsável em ensinar a maneira de pensar em todos os níveis do ensino. Se o professor não souber pensar globalmente, não poderá ajudar seus alunos a aprender a viver tendo uma visão do complexo que forma a condição humana.

Entretanto, em seu livro, o autor mostra-se preocupado com a grande resistência existente para a mudança e uma falta de comprometimento para realizar a missão educacional, que consiste em formar uma cabeça bem-feita, compreendendo a condição humana, formando o cidadão capaz de organizar seu conhecimento e superar seus problemas. Para que isso ocorra é necessário que a escola se abra para a interpolitransdisciplinaridade, em que todos possuem um projeto comum, e para a eco e metadisciplinaridade, que considera, respectivamente, o contexto das disciplinas e seu movimento cognitivo, que conserva e incorpora ao mesmo tempo.

O que Morin propõe é o conhecimento e a formação de uma noção complexa do que seja o sujeito, visto que é em torno dele que giram todo o conhecimento, todas as culturas e todas as ciências. Edgar Morin utilizou-se de informações colhidas na his-

tória para reforçar seus argumentos, relacionando as idéias apresentadas com fatos ocorridos historicamente e apresentando uma teoria pós-moderna da educação, que privilegia o global e insere o ato educativo no contexto humano social, político, econômico etc.

Entretanto, integrar cultura científica e cultura humanista é um objetivo barrado na sociedade e até entre professores, pois, ainda nos dias de hoje, persiste uma certa indiferença – e por que não dizer, preconceito – frente às disciplinas que abordam a cultura das humanidades, considerando-se como secundárias e supérfluas. Ainda assim, sabe-se que as artes tanto plásticas, como musicais, cênicas ou literárias, e os artistas, músicos, atores ou escritores, na verdade, são testemunhas do seu tempo, do conteúdo histórico do qual fizeram parte e, conseqüentemente, através da sua manifestação artística, apresentam a visão de um complexo.

Certamente, a partir da reforma de ensino proposta por Morin de modo fascinante e instigante, ressurgiriam as suas finalidades, que não deveriam ser ignoradas em momento algum. Por isso, acredito que a leitura deste livro não deve se limitar à área educacional, mas entender todas as demais, para que a reforma do pensamento seja realmente um projeto comum a todos, para que se possa promover uma cabeça bem-feita, ensinando a condição humana, começando a viver, conhecendo o seu próprio estar-no-mundo, enfrentando as incertezas e aprendendo a se tornar cidadão para que, assim, possamos *viver a parte poética de nossas vidas*.